

32 #7

Cat. 537

A PRIZÃO DE OLIVEIROS



LEANDRO GOMES DE BARROS



Leandro Gomes de Barros

A PRISÃO DE OLIVEIROS
E
DOS SEUS COMPANHEIROS

Quem leu a batalha horrenda
De Oliveiros e Ferrabraz,
Não deve ignorar mais
O que è uma contenda
Vê uma luta tremenda,
Como se ganha a vitoria,
Pode guardar em mimoria
O combate mais horrivel
Parese até impossivel,
O passado desta historia —

Ferrabraz era um gigante
De corpo descummunal,
Como nunca teve igual,
Nos reinos do almirante
Elle sò, era bastante
Para cinco mil guerreiros
Oito dez mil cavalleiro
Morreram pelas mãos d'elle
E só tirou sangue n'elle
A espada de Oliveiros

Oliveiros aquelle braço
Não se cruzava em perigo
E nunca achou inimigo
Que lhe fizesse embaraço
À quelle pulço de aço
Mão que sempre foi timida
Para as guerras escolhida
E por Deus abençoada,
Nunca desceu a espada
Que não tirasse uma vida,

Ferrabraz como um lião,
Afrontava a propria morte
Era a columna mais forte
Do almirante Balão,
Tinha nobre coração,
E era civilisado,
Nas armas disciplinado,
Tinha força e energia
Em toda parte que ia,
Mostrava ser illustrado.

Como tambem Oliveiros
No valôr e na ação
Gui de Borgonha e Roldão
E os mais seus companheiros
Desses 12 cavalleiros,
Um só não torcia o braço
Um d'elles não dava um passo
Que não achasse o perigo,
Espada do inimigo
Para elles não tinham aço.

Oliveiros e Ferrabaz
Que aspiravam um despeito
Pegaram-se peito a peito
Como 2 liões voraes
Alli ninguem chegou mais
Foram os 2 luctarem sós
Ninguem ouvia uma voz
Fogo das armas sahia
E dos dous ninguem sabia
Qual seria o mais feroz

Leiam com toda attenção
A vida de Ferrabraz
Vejam como são iguais
Elle Oliveiros e Roldão
O almirante Balão
Tinha nelle tal fiança
Dizia que toda França
Se tornaria impotente
Porque Ferrabraz somente
Servia de segurança

Carlos Magno tambem
Tinha doze cavalleiros
Como outros iguais guerreiros
O mundo hoje não tem
Nunca temeram alguém
Segundo diz a historia
Tinham nas espadas a gloria
Nunca torceram perigo
Nunca foram a inimigo
Que não contassem victoria.

No dia que Oliveiros
Deixou Ferrabraz vencido
Foi de novo acomettido
Por dez mil turcos guerreiros
Elle e quatro cavalleiros
Que chegaram em seguida
A força turca previda
Prendeu todos cavalleiros
Porem só por Oliveiros
Ficaram trez mil sem vida

Não poderam ressistir
Os cavalleiros de França
Sem cavallo espada e lança
Sem ter com que se cubrir
Veio á noite os confundir
Com a negra escuridão
Perderam de tudo a ação
Foram presos os cavalleiros
Levados prisioneiros
Ao almirante Balão

Assim mesmo se Oliveiros
Não tivesse desmontado
Alem disso desarmado
Elle e todos companheiros
Se dois ou trez cavalleiros
Os tivessem socorrido
Com boas armas os munido
O combate iria avante
O povo do almirante
Não os teria prendido.

Porém a lucta era horren da
E os cavalleiros poucos
E os turcos como uns loucos
Davam batalha tremenda,
Naquella infeliz contenda
Oliveiros tropeçou
Num cadavere que encontrou
Quando dez turcos chegaram
As mãos para traz lhe amarraram
Elle sem acção ficou.

Os turcos esfamiados
Pelo sangue de Oliveiros
Vendo os cinco cavalleiros
Em seu poder escoltados,
Seriam recompensados
Por aquella heroica acção,
Julgavam paga a prizão
Do heroi rei dos guerreiros
O maior dos cavalleiros,
Do almirante Balão,

E seguiram os cavalleiros
Cruelmente maltratados
Levando os olhos tapados,
O grande e nobre Oliveiros
Os outros prisioneiros,
Com mãos atadas atraz
Correndo a tudo e a mais
Ao almirante Balão
Para vingar a prizão,
De seu filho Ferrabraz.

E aquella multidão
Levando os prisioneiros
Entregou os cavalleiros
Ao almirante Balão
Elle lá como um lião
Em desispeiros fataz
Igualmente ao satanaz
No dia que o cèo perdeu
Disse deses quem venceu
O meu filho Ferrabraz ?

Disse um dos exaltados
Examinando primeiro
E' aquelle cavalleiro
Que traz os olhos vendados
Estes cinco celerados
E' custoso se os vencer
E' escusado dizer
Da forma que elles luctaram
E dez mil vidas custaram
Para puder-se os prender

O rei fez uma mudança
Perguntou a Oliveiros
Se elles eram cavalleiros
Dos dose pares de França
Oliveiros sem tardança
Disse nós somos soldadados
Muito pouco exercitados
Somos todos de Lorenda
Para primcira contenda
Agora fomos chamados.

Ordenou o almirante
Que para o campo os levassem
E todos cinco matassem
Por um meio agonisante
Alli lhe disse Burlante,
Meus planos não são capaz
Creio que vós lucravas mais
Mandar por dous mensageiros
Trocar estes cavalleiros
Por teu filho Ferrabraz

O almirante Balão
Achou bom o parecer
Deu ordem a recolher
Os cavalleiros a prizão,
Num carcere de escuridão
Onde matavam os tyrannos
Os turcos barbaros profanos
Fuzeram-os na enxovia
A onde o curso de um dia
Parecia dez mil annos.

Esse carcere agonisante
Prisão ascarosa e fria,
Encostada a moradia,
Da filha do almirante,
Cuja alma interessante
Dava ao mundo uma esperança
Conservava na lembrança
Idèa pura e risonha
Amava a Gui de Borgonha,
Um cavalleiro de França

Amaya ella um vassallo
Do imperador francez
Que o vendo a primeira vez
Não poude deichar de amal-o,
Quando elle entrou a cavallo
Em Roma numa corrida
Deixou-a surprehendida
O toque de uma paixão
Deu a elle o coração
Arriscando a propria vida.

Floripes não conhecia
Como o amor tem puder
Logo alli poude saber,
Quanto elle tem energia
Sendo ella da Turquia
Seu pai era um rei pagão,
Não tinha religião
Era um perigo profundo
Por todo ouro do mundo
Não dava ella a um christão.

Oliveiros recolhido
Naquelle horrivel tormento
O seu maior soffrimento,
Era o corpo está ferido
Elle exclamava sentido
Meu Deus! olhai para mim!
Não devo viver assim
De lá da eternidade
Mandai com mais brevidade
A morte trazer meu fim.

Antes tivesse eu morrido
Pela mão de Ferrabraz
O guerreiro mais capaz,
Dos que a Turquia tem tido
Cutro igual não foi nascido
Se nasceu não foi criado
Guerreiro nobre e honrado
Espada que val um porto
Se elle tivesse me morto
Eu estava mais consollado.

Floripes então poudo ouvir
Oliveiros exclamar
Desceu e foi indagar.
Quem estava a se concluir,
Diz ; Brutamonte a sorrir
Aquelles são uns dos taes
Do povo de satanaz
Que tanto nos offendeu,
Está até o que venceu
O vosso irmão Ferrabraz

Abre a porta da prisão
Disse ella ao carcereiro
Quero ver o cavalleiro
Que faz essa exclamação
Disse Brutamonte não,
Isso eu não posso fazer
Sob pena de morrer
Teu pai me o recomendou
Pessoalmente ordenou
Não deichar alguém os ver

Abre essa porta villão,
Floripes lhe replicou
Quando o turco se abaixou
Para abrir o alçapão,
Ella meteu-lhe um bastão,
Deichou-o morto na terra
Dizendo nesse se encerra
Um de mais plano formado
Matei um dos desgraçado
Que vinha me fazer guerra

Tudo assustado ficou
Daquella ação que ella fez
E ella por sua vez
Daquillo não se alterou
Com toda calma fallou
A todos prisioneiros
Perguntou a Oliveiros
Quem era que estava alli?
Um delles lhe disse aqui
Somos cinco cavalleiros.

Ella com falla bem mança
Perguntou a Oliveiros
Quem são esses cavalleiros ?
Somos dos pares de França
Que estamos sem esperança
De sahir desta prisão
Ella perguntou então
De vós quem batalha deu
E nessa lucta venceu
A Ferrabraz meu irmão ?

Foi eu lhe disse Oliveiros
N'uma batalha lial,
Que tendo sangue rial
Fiz como os nobres guerreiros
O hoste dos cavalleiros,
Quiz fazer de mim pagão
Eu sem vileza e traicão,
Luctei elle foi vencido
E hoje esta convertido,
Baptisou-se é um christão

Floripes então perguntou
Como quem se interessava
Se Gui de Borgonha estava
Disse Oliveiros ficou.
Alli ella confessou
A sua grande paixão
Disse; meu pai é pagão
Se souber castigarar-me
Vocês poderão levar-me,
Para terra de christão?

Disse Oliveiros senhora
Pelas graças recebidas
Nós arriscamos as vidas
Vós servimos a toda hora
Manda-nos sortar agora
E dê com que nos armar,
Pode nos acompanhar
Descansai o coração
Que o almirante Balão
Vel-a e não pode a toma,

Floripes então disse alli
Eu os ponho em liberdade
Venho soltal-os mais tarde
Esperem por mim ahi
Eu me retiro daqui
Pode alguém me ouvir fallando
Eu aqui me demoraudo
Pode alguém desconfiar,
De noite venho os tirar
Fiquem aqui esperando.

Ficou em ancia Oliveiros
Mas a noite ella voltou
Com nma corda tirou
Todos cinco cavalleiros
Todos os prisioneiros
Foram por ella levados
Cearam e foram curados
De boas armas munidos
Todos cinco previnidos
Para se fossem atacados.

Floripes comunicou
A sua velha criada,
A velha ficou zangada,
Na mesma hora a jurou
Floripes a impurrou
De uma alta janella
Ficando livre daquella
Donde o mal podia vir
Depois da velha cahir
Embaixo enterraram ella

O almirante Balão
Ordenou que quinze reis
Fossem todos de uma vez
Ao imperador cristão
E disse : digam-lhe então
Que eu mando-lhe dizer
Que elle mande trazer,
Meu filho que elle tem lá
Que eu lhe mando de cá
Os que tenho em meu poder.

E se não quizer fazer
O que lhe mando pedir
Ao seu reino eu hei de ir
Com meu exercito e poder
E elle então ha de ter
Uma morte rigorosa
Uma sentença penosa
Elle tem de experimentar
Ou faz afim de escapar
A fuga mais vergonhosa.

Então nesse mesmo dia
Carlos Magno chamou
Sete pares e os mandou
Com uma embachada a Turquia
Na embachada disia
Vocês digam ao Balão
Que trate de ser christão
E mande meus cavalleiros
Que não quero meus guerreiros
Preso em poder de pagão

Esses quinze reis guerreiros
Vassallos do almirante
Já de aguas mortas distante
Encontraram os cavalleiros
Ensultaram os mensageiros
Do imperador christão
Perguntando onde é que vão?
Que vão ver por esta estrada?
Diz : Roldão levo embachada
Ao almirante Balão.

Não podemos te acreditar
Disseram os embaixadores
Vocês são salt adores,
E querem se disfalçar
Nós avemos de os levar
Ao almirante balão
Que n'uma escura prisão
A' de os mandar encerrar
Então pode se apromptar,
Gritou-lhe logo Roldão

Isso Roldão proferio,
E puçou pela a espada,
E deu-lhe uma cutilada,
Que até aos peitos partiu.
Outro rei turco acudiu
E elle não o torceu,
Todos os golpes que deu,
Foram bem aproveitados
Quatorze foram lascados.
Escapou um que correu.

Atraz d'esse que correu
Foi Ricarte o perseguindo
O turco se escapulindo
Pelo mato se escondeu,
Nas montanhas se metteu
Ganhou a uma solidão,
Serviu-se da escuridão
Da noite que o protegia
Para contar o que havia,
Ao almirante Balão

Quando Ricarte voltou,
Disse um dos cavalleiros
Não temo os aventureiros
Que no campo se matou
Receio o que escapou,
Pela colina do monte,
Que hoje mesmo vá e conte,
Ao almirante Balão
É seja essa razão
De não passarmos a ponte.

Alli respondeu Roldão
Ora porque não se passa
Vocês verão a desgraça
Que eu faço na guarnição
O almirante Balão
Bote os soldados que tem
Porque eu juro também
Ficar a terra arrasada,
Elle da-me a embaichada
Ou sua cabeça vem

Alli todos se montaram
Ármados heroicamente
Levando como presente
As cabeças que tiraram
Em seus alfoges botaram
Não deram satisfação
Seguiu na frente Roldão
A pessoa encarregada
De entregar a embachada,
Ao almirante Balão.

Alli havia uma ponte
Á de Mantible chamada
O rio não dava entrada
Por fora existia um monte
De uma altura sem desconte,
Como outro não havia
E na ponte era vigia
Um desconmual gigante,
De quem só o almirante
A ponte confiaria.

Existe um portão enorme
Com trez arcos de ouro puro
E quem o faz mais seguro,
É um gigante disforme
De um aspecto disconforme
Um gesto repugnante
É musculozo e possante
São brutas suas maneiras
E' quem defende as fronteiras
Das terras do almirante.

Disse Roldão: vou fallar
Ver se elle abre um pouquinho
Se eu entrar faço caminho
Que tudo pode passar,
Se elle quizer cobrar
A quantia estipulada
Depois de eu ter a entrada,
Ahi eu digo oh bruto!
Eu trago aqui teu tributo
Na bainha da espada.

Disse o duque de Nemé
Passiencia meu amigo
Deixe a impreza comigo,
Não desespere da fé
Eu sei isso como é
E devemos nos conter,
Tambem presiza saber
Que a pessôa alguma agrada
Dar uma grande pancada
E outra igual receber.

Deixem eu sigo na frente
Então direi ao gigante
Que vamos ao almirante,
Levar-lhe um rico presente
E uma embaxada urgente
Ao almirante Balão,
Elle vendo esta razão
Talvez nos deixe passar
Assim podemos chegar
Sem precisar de questão.

Bateu o duque e chamou
Pelo o nome do gigante
E esse no mesmo instante
Na porta se apresentou
Abrio um postigo olhou,
Viu tudo de espada e lança
O duque com falla mansa,
Disse: queremos entrada
Pois levemos embaxada
Do emperador de França.

Disse Galafre: precisa
Pagar tributo de entrada
Uma somma exagerada,
Só passa quando endiniza
E antes de entrar aviza
Ao almirante Balão,
Ver se elle consente ou não
Que lhe leve a embaxada
Ou se posso dar entrada
A um embaxador christão.

Disse o duque tem razão
Porém nós somos decentes
Levamos ricos presentes,
Ao almirante Balão
Deixe passar-mos então,
Nós e tudo nosso em paz
O comboio que vem atraz
Nós vamos logo na frente
Procurar onde apousente
Nós e nossos animaes.

Disse Galafre ha de dar
Trez arcos de ouro massiço
Cem haver abate nisso
Aqui mesmo ha de entregar
Disse o duque hei de pagar
Inda sendo 9 ou dez
Disse o gigante tú és
Um destimido vaçalo
Mas por cada pés de cavallo
As de pagar cem mil reis.

Todo christão que aqui passa
O que não quiser morrer
É obrigado a trazer
Sem pares de cães de caça
E tudo de bôa raça
Que sejam bem amestrados
Trinta arcos bem lavrados
De pedras especiaes
Tudo isso quem vem traz
Do contrario é devorado

É a quantia exigida
De quem aqui quer passar
E' obrigado a pagar
Do contrario perde a vida
A pessôa é concluida
Em cima daquelle monte
Um gancho sobre uma fronte
Eu mandarei infiar
Depois mando o pendurar
Nas almeias desta ponte

Disse o duque sim senhor
Eu e os meus companheiros
Somos sete cavalleiros
De muito alto valor
E o nosso imperador
Nos mandou em comissão
Ao almirante Balão
Uma embaixada levar
Nos ordenou a pagar
O que fosse de rasão

Nosso conboio ha de vir
Chegando deiche-o passar
Depois hei de lhe pagar
O que o senhor exigir
Queremos que o deiche ir
As tendas do almirante
Pois um presente importante
A elle vamos levar
Havemos de lhe pagar
De nós delle e assim por diante

Galafre os deichou passar
E todos sete partiram
Pela estrada seguiram
Sem nada os emcommodar
Estava um a olhar
Mas quieto a sangue frio
Roldão sem mais desafio
Lançando mão da espada
Partiu-o com uma cotelada.
Botou-o morto no rio.

Os cavalleiros chegaram
Ja de meia noite em diante
A hora que o almirante
Já tinha se agazalhado,
Tinha a pouco se deitado
Não quiz se levantar mais
Disse com sigo é capaz
De Carlos Magno mandar
Seus cavalleiros buscar
E me trazer Ferrabraz.

O almirante Balão
Tinha a pouco se deitado
Soube que tinha chegado
Na corte um pôvo christão
Disse o almirante então
Não devo me veichar mais,
São homens especiaes
Que vem como mensageiro
Ver se eu dou os cavalleiros
Por meu filho Ferrabraz.

Ordenou que agazalhasse
Muito bem os cavalleiros
Veja que aos mensageiros
Cousa alguma faltasse,
Depois que tudo ceiasse
Desse-lhe cama dessente
Pois encarecidamente,
Ordenava que os tratasse
E que tudo alli achasse
A noite muito excelente.

O mestre salla os botou
Cada um num aposento
E todo aquelle armamento
O mestre salla guardou,
Nem um delles se lembrou
Que o rei podia chegar
E ao almirante contar,
Todos os factos passados
Mas estavam enfadados
Só pensaram em se deitar.

Então foram agazalhados
Todos sete mensageiros
Porém todos cavalleiros
Um dos outros separados
Todos sete desarmados,
Nem um com arma ficou
De madrugada chegou
O rei que tinha escapado
Contando muito cançado
Tudo quanto se passou

E disse esses desgraçados
Que aos quatorze rei mataram
São uns que a pouco chegaram
Estão aqui agazalhados,
Vinham hontem agrumerados
Nos agrediram em caminho,
Momento ingrato e mesquinho
Tudo nos feichou os portos
Ficaram quartorse mortos
Só eu escapei sosinho.

Alli logo o almirante
Quase morre de paixão
Lançou logo maldição
Em Mafoma, e Tarvagante,
Acudiu no mesmo instante
O mestre salla fallou
Brandamente o animou
E lhe disse sua alteza
Eu tenho toda certeza
Mafoma não vos deixou.

Apolim e Tavargante
Dous deuses teus protetores
Os quaes recebem favores
De vós aqualquer instante,
Mafoma é um deus constante
Protege aos reis anciãos
Trata os reis por seus irmãos
Deixou teu pôvo morrer,
Porém mandou te dizer
Tens inimigos nas mãos.

Ide descansar la dentro
Afrontarei os perigos
Prenderei teus inimigos
Ainda que fossem um cento,
Elles já dormem eu entro
Amarrei um por um
Isso é facto commum,
Ninguem não deve estranhar
Eu sosinho posso entrar
Não deicho solto nem um.

Disse aquillo e foi sahindo
E foi logo aos mensageiros
Amarrou os cavalleiros
Que estavam todos dormindo,
O mestre salla sorrindo
Foi dizer ao almirante
Sr. nesse mesmo instante,
Prendi todos cavalleiros
Deixei-os presioneiros
Fiz um serviço importante.

Foram os pares amarrados
Quando no salão dormiam
Innocentes não sabiam
Que alli seriam algemados,
De manhã foram levados
Ao almirante Balão
Que perguntou a Roldão,
E aos outros mensageiros
Se elles eram cavalleiros
Do imperador christão.

Alli Roldão respondeu
Se ainda não conhecia
O carrasco da Turquia
Olhe bem que sou eu,
Braço que nunca torceu
Milhões de turcos armados
Grandes guerreiros fallados,
Vassalos teus escolhidos
Por mim já foram abatidos
Estão no livro dos finados.

E venho em commissão
De meu tio emperador
Que manda dizer ao senhor
Que se fizesse christão
Do contrario em sua mão
Havia de si acabar
Elle havia de o botar
Deixando o exemplo ou mostra
O senhor de-me a resposta
Que é nessessario levar

Ex ahi caro senhor
Disse anim do Roidão
O almirante balão
Ficou ardendo em furor
Com aspectro aterrador
Chamou seus subordenados
Mandou que fossem queimados
Todos sete mensageiros
Com os cinco cavalleiros
Que já estavam emcarcerados

Quando a noticia chegou
Aos ouvidos da princesa
Ella com essa surpresa
Meia hora não fallou
Por Oliveiros chamou
E lhe disse se disponha
Minha afflicção é medonha
Só vós podeis me valer
Antes me deixes morrer
E salve a Gui de Borgonha

Vou ver se meu pai me dal-os
Disse ella vou pedir
Se nada lá conseguir
Vocês vão daqui toma-los
Tem boas armas e cavallos
Voces fiquem previnidos
Olhem que estamos metidos
Aonde qualquer não vai
E o povo de meu pai
São turcos muito atrevidos

Sahiu e foi ao Balão
Chorando porém fingida
Muito queixosa e sentida
Pelo seu querido irmão
Entrou pela multidão
Fallando com arrogança
Sem apresentar mudança
Perguntou quem eram aquelles
E indagou serem elles
Os cavalleiros de França

No mesmo instante Oliveiros
Deu preça a tudo se armar
E no campo não deixar
Matarem os cavalleiros,
Floripes em desispeiros
Sobre uma cadeira cai
Num terno pranto se esvai
E disse ao grande Oliveiros
Resgatem seus companheiros
Inda que matem meu pai.

Respondeu o almirante
Estes malditos que vês
Mataram quatorze reis
Hontem a tarde n'um instante
Uma morte agunisante
Tambem hoje hei de lhe dar
Hei de mandal-os matar
No campo bem cruelmente
A morte de minha gente
Agora há de se vingar.

Disse a princêza é verdade
Deve os levar amarrados
Matal-os todos queimados
Com a maior crueldade
Porém ja é muito tarde
Meu pai precisa comer
Primeiro mande dizer
A todos nossos parentes
Porque ficarão contentes
Vendo-os no campo morrer

Me entregue os prisioneiros
Eu levo esses condenados
Destes amaldiçoados
Serei um dos carcereiros
Estes sete carniceiros
Hei de ajudar a matal-os
Com as proprias mãos queimal-os
Para vingar meu irmão
O almirante Balão
Lhe disse pode leval-os.

Disse-lhe alli Sortibão
Senhor adverte bem
Porque na mulher contem
Um armase de traição
E debes ter precaução
Anda seguro e direito
Muitas mulheres teem feito
Os homens se arreponderem
E só chegam a conhesserem
Quando não podem dar geito

Floripes enfureceu
Disse alli a Sortibão
Por teu falço coração
Vens tú carcular o meu
Falço pode ser o teu
Onde não ha sentimento
Porem marques o momento
Um dia hei de me vingar
E tù has de me pagar
Este teu atrivimento

E ordenou aos soldados
Levarem os prisioneiros
Disse alli aos cavalleiros
Levantem-se desgraçados
E lá seguiram algemados
Na frente ella indo atraz
E disse aos officiaes
Faz favor tudo voltar
Mandou aos prezos trancar
Na camara de Ferrabraz

Como ficou Oliveiros
Quando chegou no salão,
Vendo algemado Roldão
E os outros cavalleiros
Disse aos outros companheiros
Não façam por ter demora
Olhe que estamos na hora
Soltamos nossos irmãos
Quebraram os ferros a mãos
Deitaram os pedaços fora

Foi entrando Lucrafé
Primo e noivo da princêsa
Como foi sua surpresa
Vendo o duque de Nemè
Que se firmando num pé
Aproveitou bem a hora
O turco quiz ir embora
Deu-lhe o duque tal pancada
Com o copo da espada
Tirou-lhe a cabeça fora

Floripes admirada
Disse por teu evangelho
Eu nunca julguei que velho
Desse tão grande pancada
O duque disse isso é nada
Muito mais já tenho feito
Eu pegando um turco a geito
Não me faltando a espada
Lasco de uma cotelada
Da cabeça até o peito

Disse Floripes vou ver
Pela côrte o que é que ha
Vendo alguma cousa lá
Eu volto e venho diser
Então voces devem ter
Muito grande precaução
Direi a meu pai então
Que almoce eu estou indisposta
Divido aquella resposta
Que sofri de Sortibão

Deicho de mensionar
Casos pouco interessantes
Tornam-se muito masantes
Não convem os relatar
Tanto o espaço não dar
Para tudo que passou-se
Contarei como tomou-se
Aponte de meio a meio
Como Carlos Magno veio
E Floripes casou-se

Na hora da refeição
Tudo alli se descuidou
Oliveiros enfrentou
O almirante Balão
Esse quando viu Roldão
Viu que a vida estava cara
A salvação era rara
Saltou de uma das varandas
Chegaria em duas bandas
Se um turco não o apara.

Veio um rei dos mais valentes
A' Roldão com uma espada,
Roldão de um cutilada
O partiu até os dentes,
Vinheram mais dois parentes
Partiram na mesma hora,
Roldão alli sem demora
Lhe disse turco conhessa
Deu-lhe um golpe na cabeça
Tirou-lhe o pescoço fora

Investiam os cavalleiros
As forças do almirante
Roldão e Ricarte adiante
Na retaguarda Oliveiros
Geraldo e os companheiros
Matavam sem piedade,
Os turcos em quantidade
Partiam aos pares de França,
Ja não restava esperança
Todo esforço era debalde

Voltaram os cavalleiros
Da torre conta tomaram,
Os turcos alli os cercaram
Julgando-os prizioneiros
Roldão, Ricarte e Oliveiros
Gui de Borgonha e Geraldo
Cada qual bem preparado
Diziam aos seus companheiros,
Para doze cavalleiros,
Não vemos exercito armado

Um dia faltou comida
As damas e aos cavalleiros
Roldão disse a Oliveiros
Perdi • amor a vida,
Tem uma dama cahida
E outra já desmaiada
Lançarei mão da espada,
E sahirei nesse instante
A tenda do almirante
Hoje é por mim atacada.

E sahiram os cavalleiros
Ficou na torre um somente
Então seguiam na frente
Tietre e Oliveiros,
Viram uns turcos que lijeiros
Já corriam muito adiante,
Era um comboio de distante
Que vinham com mantimento
Vinham trazer alimento
Ao povo do almirante.

Os pares alli avançaram
Servindo-se das espadas
Douze arzemolas carregadas
Dos inimigos tomaram
Mais de mil turcos mataram,
Numa batalha medonha
Como não á quem suponha,
Que houvesse tal mortandade
Por uma casualidade
Prenderam Gui de Borgonha.

O almirante Balão
Mandou que o algemasse
De manhã o enforcasse
Perante a população
Traspassava um coração
Ver Floripes tão formosa,
Aos pes dos pares choroza
Disse oh Roldão: valoroso!
Vai regastar meu esposo
De uma morte tão penosa.

Foram oito cavalleiros
Roldão foi na dianteira
Posim numa costaneira
Na retaguarda Oliveiros
Com 18 mil guerreiros,
O preso vinha escoltado
Porém Roldão e Ricardo
Entre os maiores perigos
Tomaram-no dos inimigos
Antes de ser enforcado.

Os pares nessa agonia
Já quasi sem esperança
E Carlos Magno em França
De nada disso sabia
Disse Oliveiros que hia
A Carlos Magno avisar
Para o auxiliar
Naquelle grande perigo
Disse o duque meu amigo
Eu irei em seu lugar.

Ricardo por derradeiro
Disse aos outros eu vou sosinho
Se morrer deixo um filinho
Que há de ser bom cavalleir
Se eu morrer morre um guerreiro
Não tem o que admirar
Não morrendo hei de chegar
O almirante se aprompte
Disse Roldão mais a ponte
Como tu has de passar?

Disse Ricardo pairesse
Que no horror mais profundo
Ao homem no meio do mundo
Deus em pessoa aparece
Sobe a morte a vida desse
E alli não ha quem vá
Fiquem descansado cá
Embora o perigo encontre
Porem passo pela ponte
Ou fica o cadavere lá

De madrugada sahiu
Em bom cavallo montado
Com lança e espada armado
Dos outros se despediu
Um exercito turco o viu
E tomou-lhe logo a frente
Mais o guerreiro valente
Alli não teve receio
E do exercito que veio
Quase que não fica gente

Antes a ponte chegar
Desseu Ricardo a um baixio
E viu nas aguas do rio
Um viadinho passar,
Elle alli poi-se a pençar
Que o viado fosse alguem
Disse com sigo não tem
Sem ser Deus quem tanto faça
E como o viado passa
Eu vou e passo tambem

E alli se preparou
A Deus entregando a alma
Entrando com toda calma
O rio atravessou.
Galafre de fora olhou
Disse muito admirado
Creio que a quelle damnado,
Não é francez nem é mouro
Tem o diabo no couro
Ou é um ente encantado.

Ricardo então avançou
Quando muito tinha andado
Vio o cavallo suado
Numa sombra se apeiou,
O rei Clarião chegou
E lhe disse cavalleiro!
Vossê está prisioneiro
Foi logo o ameaçando
Ricardo disse se armando
Havemos de ver primeiro.

E metendo-lhe a espada
Por sobre o hombro direito
Que lascou-o até o peito
Com uma só cutilada
A força vinha atrazada,
Ricardo poude se armar
E tratou de se montar
No cavallo que o rei vinha
Que todos signaes bons tinha
E corria sem cançar

Vinte e trez leguas tirou
Nessa jornada que hia
Quando foi no outro dia
A Carlos Magno chegou
E esse de alegre chorou,
Pois já estava em desespero
Pençando nos cavalleiros,
Que de uma só vez perdeu
Quando Ricardo lhe deu
Noticia dos companheiros.

Carlos Magno reuniu
Os grandes de sua corte
E na quella mesma noute
O plano se dessediu
Alli logo se preveniu,
Que seguisse o batalhão
Tinha grande precisão
De pela manhã partir
Precisava destruir
O almirante Balão.

Disse Ricardo convém
De madrugada partir
Para amanhã ir dormir
Perto de um ponto que tem
Onde não chega ninguém
Que não seja devorado
E por allí é trancado
O reino do almirante
O veia é um gigante
Que parece endiabrado

Disse Carlos Magno então
Não acha-se outro lugar
Onde se possa passar?
Ricardo respondeu: não
O rio é como um vulcão
Reto como um horizonte
Está do lado oposto o monte
Que forma uma serrania
Só se pode ir a Turquia
Se for por aquella ponte

Carlos Magno perguntou
O que havemos fazer?
Para poder obiter?
Ricardo allí explicou
Disse a Carlos Magno eu vou
Com trez ou 4 na frente
Iremos finjidamente
Se o gigante abrir a porta
Nós metemo-lhe a derrota
E passará touda jente

Ricardo foi e bateu
Chamando pelo gigante
Esse no mesmo instante
Armado lhe apareceu
Olhou-o mas não conheceu,
Perguntou-lhe o que queria
Disse Ricardo que hia
Ao almirante Baião
Fazer uma tranzação
Com as joias que trasia.

Pode entrar, mostre o que tem
Disse a Ricardo o gigante
O duque Rigner e Nante
De lado entraram também,
Disse Galafre: convém
Sua capa ser tirada
A' de ser examinada
A sua mercadoria
Ricardo allí sem porfia
Meteu logo mão a espada.

O gigante allí ergueu
A archa que estava armado
Deitando um golpe em Ricardo
Mas esse o corpo torceu
Tanto que a archa bateu
Numa pedra e nella entrou
Carlos Magno chegou
Nantes o portão abriu
O exerzito o invistio
A ponte então se tomou.

Depois da ponte evadida
Morto Galafre o gigante
Deram parte ao almirante
Da desgraça sucedida
Praguejando a propria vida
Mandou a força atacar
E a torre derribar
E matar os cavalleiros
Antes que seus companheiros
Fossem aos pares se juntar

Os turcos iam subindo
Mas as damas preparadas
Atiravam-lhe pedradas
Iam dez doze cahindo
Por mais que vinhesse vindo
Chegava alli e morria
Assim ninguem resistia
Resolveram se afastar
Para não ver se acabar
O exercito da Turquia

A ordem assim foi cumprida
A torre foi atacada
Não foi um turco a escada
Que lá não deixasse a vida
Parte da torre caida
Um oitão ja como um faxo
Mas pedras tijoulos e taxo
Tudo que as damas achavam
Sobre aos turcos atiravam
Matavam os que estavam em baixo

Alli disse ao almirante
Um soldado que chegava
Que Carlos Magno ja estava
Menos de legua distante
Disse a praça nesse instante
Dechei a vila vencida
Cruelmente destruida
Pois os francez onde vão
So com a sombra da mão
Arrancam a alma e a vida

Nisso sahiu Sortibão
Com dez mil homens armados
Ao chegar foram atacados
Todo esforço foi em vão
O almirante Balão
Mandou o rei Argolante
Depois mandou mais Burlante
Mas nada se aprveitou
Carlos Magno atacou
Foi-se tudo num instante

O almirante Balão
Com os instintos de monstro
Montou-se e foi ao encontro
Do imperador christão
Rugindo como um lião
Disse: oh velho imperador!
Hoje estaes quase senhor
De minha força e poder
Vem com migo te bater
Ver quem será vencedor,

O sangue ao campo tomava
Provocando piédade
Força em grade quantidade
De toda parte chegava
O almirante gritava
Aos turcos que resistissem
Com toda força envisticem
Mostrassem que eram guerreiros
Para que os cavalleiros
Com os outros não se unissem

Os cavalleiros cercados
Viram outra força que vinha
Carlos Magno já tinha
Perdido muitos soldados
Sairam dez bem armados
Entre os turcos se meteram
Partes dos turco correram
Com a presença dos pares
Todos aquelles lugares
De corpos mortos se encheram

O almirante Balão
Disesperado invistiu
Como uma fèra partiu
A um cavalleiro christão
Com toda disposição
Peito a peito o infrentou
O chritão se desviou
E se livrou da espada
Mas aquella cutilada
O cavallo lhe matou

Sem atender mais alguem
O cavalleiro em flagante
Invistiu o almirante
Matou o delle tambem
Com orgulhoso de sdem
O rei turco infuresceu
Um christão o conheceu
E disse é o almirante
E na quelle mesmo instante
O cavalleiro o prendeu.

O almirante Balão
Vendo-se alli em defêso
Foi obrigado a ir preso
A imperador christão
Esse com bom coração
Como amigo recebeu
Pedindo lhe esclareceu
Que aos idulos não adorasse
Disse-lhe que se batisasse
Que entregava-lhe o que era seu

Alli chegou Ferrabraz
Aos seus pes se ajuelhou
Banhado em pranto o rogou
Não adorar idulo mais
Disendo é o satanaz
Que vive o perseguindo
Meu pai que está se illudindo
Quando o eterno o chamar
O senhor há de chorar
O demonio entra surrindo.

Se meu pai fosse christão
Como Carlos Magno é
Se luctasse pela fé
Tivesse religião
Não indo contra a rasão
Como um rei christão não vai
Pois da lei de Deus não sai
Se em Deus tivesse esperança
Nem dez mil pares de França
Não venceriam meu pai.

Oh! meu pai! o senhor tendo
Um grande exercito valente
E doze homens somente
Resistil-os combatendo?
Galafre um gigante horrendo
Que em guerra tinha arte
Todo mundo viu Ricarte
Que ninguem pode pegal-o
E travessou a cavallo
O rio de parte a parte.

Por rogos de Ferrabraz
O almirante Balão
Prometeu de ser christão
Porém depois não quiz mais
Era crença de seus pais
Não quiz deichal-a por nada
Um murro de mão feichada
No arcebispo elle deu
Nas pontas dos pes se ergeu
Cuspiu na pia sagrada

O filho inda quiz salvar-o
Mas o pai era um horror
Tanto que o imperador
Mandou no campo matal-o,
Depois mandou sepultal-o
Com honra de suberano
Elle era o impio profano,
Mas Deus que o castigasse
Porém divia enterrarse
Porque tambem era humano.

Agora vamos tratar
Floripes como ficou
Quando da torre avistou
Carlos Magno marchar
Quando foi a vizitar
E dar-lhe agradecimento-
Com grande contentamento
Floripes o abraçou
Carlos Magno alli marcou
O dia do casamento.

Carlos Magno mandou
Que o arcebispo aprontasse
Tudo quanto precisasse
O arcebispo apromptou,
Floripes se batizou
No mesmo dia casou
Como tinham progetado,
De uma luta agonisante
No reino do almirante
Ficou tudo descançado

Ficou a Turquia em paz
A guerra se concluiu
Carlos Magno dividiu
O reino em partes iguaes
Deu metade a Ferrabraz
Com toda legalidade
Elle de boa vontade,
Com isso se conformou
Gui de Borgonha ficou
Com a mesma quantida de

Disse a Gui e a Ferrabraz:
Qualquer de vocês é dono
Fiquem rejendo esse throno
Não façam cousa de mais
Façam governos legaes
Eu hoje tenho de partir
Cuidou em se despedir,
Levantou o estandarte
Viu-se alli de parte a parte,
Gente gemer e cahir

Floripes soluçando
A Carlos Magno abraçou
Uma dama desmaiou
E cahiu-lhe aos pés chorando
Carlos Magno os consolando
Porém de nada servia
Porque todos na Turquia.
Botaram nos corações
De Carlos Magno as ações
A todo mundo prendia.

Que hora penalizada
Quando a bandeira se içou
E a corneta tocou
A marcha de retirada
A força em marcha avançada
Numa tristesa medonha
Como a pessoa que sonha
Que está doente ou morrendo
Eram os soldados disendo
Adeus a Gui de Borgonha

Foi penosa a despedida
Do emperador christão
Gui de Borgonha e Roldão,
Soluçavam na partida
Floripes triste e sintida
Abraçou os cavalheiros
Principalmente os primeiros
Que na torre foram chegados
Soluçavam abraçados
Ferrabraz e Oliveiros.

Gui de Borgonha ficou
Sem a minima espreção
Quando a seu primo Roldão
Banhado em pranto abraçou
Quiz falar mas não fallou
Com o duque de Nemé
Geraldo de Mondefê
E Tietre de Dardanha
Teve trisesa tamanha
Que ficou suspenço em pé —

7919

AGENTES

Parahiba (Capital)—Chagas Baptista,
Irmão

Em Rio Branco—Manoel Vianna

Em Manaus—Benjamin Cardozo

Em Caruarú—João de Barros

Em Pesqueira—José Liberal

Em Sta Luzia.—Parahyba

José Nunes Figuerêdo.

Em nossa biblioteca particular encontra-se sempre vinte e tantas, qualidade de folhetos deste autor.

Remete-se pelo correio mediante a importancia qualquer quantidade, para qualquer Estado.

O autor reserva o direito de propriedade.

7019

(LGB)